

CARTEL ainda.

“...pour que la psychanalyse devienne ce qu'elle n'a jamais cessé d'être , un acte à venir encore »¹

Jacques Lacan

Jacques Lacan fundou em 1964 a Escola Freudiana de Paris após sua ruptura notável com a International Psychoanalytical Association. O duplo objetivo dessa Escola foi declarado e formulado desde seu Ato de Fundação², e cada nova formulação da proposta lacaniana até 1980 reitera e precisa essas duas premências: a extensão da psicanálise e a formação do psicanalista. O texto anuncia que esta Escola planeja providenciar e produzir o trabalho necessário à sobrevivência da psicanálise assim como zelar pela formação peculiar do psicanalista. A proposta é clara, na Escola de Lacan não se distribui o conforto de uma nomeação vitalícia: não há analistas supostos, nem didatas alistados. A Escola é um lugar que cada analista faz, ao expor “as razões de sua clínica” e assim contribuir para o saber singular e paradoxal que orienta a prática da psicanálise. A Escola não institui o analista, pelo contrário, é ele que pela exposição de seu trabalho constitui a Escola suscetível de garantir a psicanálise. A Escola de Lacan é um lugar de desassossego condizente com a virulência da descoberta de Freud, não é de se espantar que as instituições oriundas dessa proposta foram (são) tantas vezes o cenário de um tumulto surpreendente, embora talvez proveitoso, para que a “crítica assídua” garanta que o futuro da psicanálise não seja uma ilusão.

Desde este primeiro texto, explicitando os princípios da constituição de uma comunidade analítica, Lacan propõe um instrumento, um dispositivo adequado para que o grupo se enverede para a tarefa proposta (extensão e formação): “*Para a execução do trabalho, adotaremos o princípio de uma elaboração sustentada dentro de um pequeno grupo*”.³ Este pequeno grupo, o cartel, constitui a matriz, o “*órgão de base*” que permite a experiência e a multiplicação de uma nova modalidade de laço social entre analistas em torno da elaboração do saber que sustenta a psicanálise.

¹ J.Lacan- Introduction à Scilicet

² J.Lacan -Acte de fondation-

³ J.Lacan Pour l'exécution du travail, nous adopterons le principe d'une élaboration soutenue dans un petit groupe”

Os textos aqui reunidos explicitam a proposta e suas conseqüências para a psicanálise, os autores não se reduzem a simples exegetas do texto lacaniano, pelo contrario, cada um escreve a partir de suas experiências de trabalho em cartel. O alento manifestado aqui e as questões formuladas nessa coletânea de textos corroboram para a sagacidade e a validade do dispositivo inventado por Lacan, dispositivo que os analistas referidos a seu ensino, se apropriam e reinventam desde 1964 para reinventar a psicanálise.

Nem mimetismo, nem ritual nem trejeito lacaniano, o cartel se tornou o caminho indispensável para quem se responsabiliza por sua formação permanente e se engaja na tarefa de transmissão da psicanálise que possibilita uma Escola de Psicanálise. Quem não tiver esta disposição, então *“Que ele não se autorize como analista, - diz Lacan na sua Nota aos Italianos em 1973 - pois nunca terá tempo de contribuir para o saber, sem o que não há chance de que a análise continue a ter sucesso de mercado* ⁴

No entanto, nada fácil; se engajar num cartel não é confortável nem aconchegante, “fazer” cartel não é brincadeira, é jogo duro assim como todos os tempos da formação do psicanalista, porque o não sabido, o *Unbewusst*, o saber que falta, constituem o ponto de partida. Tanto o princípio motor quanto o ponto de chegada. É desconfortável e arriscado.

O cartel começa com um incômodo, um não saber que atormenta, um sintoma, que pela graça da aposta se transforma em questão. O não sabido não é inefável, ele pode se formular, e fazer questão. A questão formulada por cada um no grupo chamado cartel tem conseqüências: ela expõe e compromete quem a formulou e assina o seu engajamento de uma produção, de uma elaboração de saber digna da psicanálise perante a comunidade analítica. Melhor, ela “faz”, ela produz essa comunidade na base da aposta, do risco e da “transferência de trabalho”. Não é a transferência de saber, a suposição de saber no Outro que no caso produz este novo laço. Em princípio, os 3, 4 ou 5 se juntam em torno de suas ignorâncias feitas questões; escolher os parceiros desta partida é escolher quem põe a falta de saber em causa de sua produção. No princípio do cartel é proposto um novo tipo de laço, um tipo de identificação novo enganchado um ao outro desde este ponto do grupo designado como a causa do desejo.⁵

A escolha do “Mais-Um” corrobora este princípio: não há o Outro do saber. Esta suposição invalidaria a invenção esperada de cada um. O Mais-Um é simplesmente um a mais que baliza o princípio do cartel, ele

⁴ J.Lacan Nota aos Italianos

⁵ J.Lacan- Seminário XXI- “Les non dupes errent »

é lembrete da estrutura: há sempre mais um, um significante a mais que marca e presentifica a falta do significante: menos-um. É assim que a *função* do Mais-Um , antepara o recurso ao Discurso do Mestre e proporciona o trabalho de invenção de cada um.

A invenção, “o produto” de cada um está na mira do cartel desde o início, desde a questão inicial, mas a sua realização sinaliza o fim da tarefa e da experiência: dissolução. Paradoxalmente, um cartel bem sucedido é o cartel que alcance a sua dissolução: o produto de cada um vai para fora, para a comunidade analítica onde vai produzir outras questões, outros laços.

Depois do fim, tem a permutação: outra questão, outro grupo, outro trabalho... A formação do analista, a garantia da sua deformação, da deformação do sujeito na sua relação com o saber e com o gozo é interminável.

Dominique Fingermann